

UMA HISTÓRIA SOBRE
ARQUITETURA SUSTENTÁVEL
PARA MIÚDOS E GRAÚDOS

A CASA DO FUTURO

MARGARIDA LOURO ✦ CAMILA MARTINHO



LIVROS
HORIZONTE





COLEÇÃO Álbuns 58194

TÍTULO A Casa do Futuro

TEXTO Margarida Louro

ILUSTRAÇÕES Camila Martinho

REVISÃO Rosa Machado

© Livros Horizonte, 2017

ISBN 978-972-24-1850-8

1.ª EDIÇÃO setembro 2017

DESIGN DE CAPA E PAGINAÇÃO Camila Martinho

IMPRESSÃO E ACABAMENTO Printer Portuguesa

DEPÓSITO LEGAL N.º 430016/17

Reservados todos os direitos de publicação total
ou parcial para a língua portuguesa por

LIVROS HORIZONTE

Rua das Chagas n.º 17 - 1.º Dto. – 1200-106 Lisboa

geral@livroshorizonte.pt | www.livroshorizonte.pt



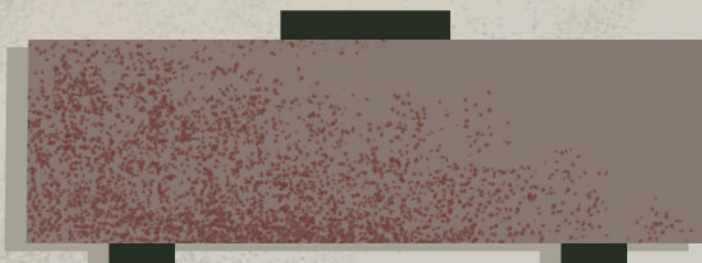
A CASA DO FUTURO

MARGARIDA LOURO ✦ CAMILA MARTINHO

LIVROS
HORIZONTE

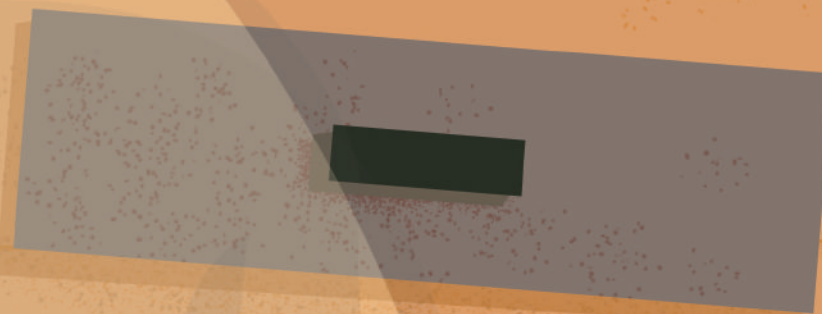
A jovem arquiteta entrou na sala, sentou-se em frente da sua secretária, abriu o bloco de desenho, pegou nos seus lápis e canetas, e começou a desenhar! Linhas, manchas, formas, curvas, rabiscos, e logo começaram a surgir dos seus desenhos ideias atrás de ideias...

Havia casas em vidro que mudavam de cor – de branco para azul, amarelo, verde, vermelho, lilás. Outras com telhados que recolhiam as águas das chuvas e as utilizavam para regar as plantas (ou até as transformavam em água própria para beber). Outras ainda que giravam de acordo com a orientação do Sol, mantendo os quartos sempre quentinhos no inverno ou fresquinhos no verão. Havia casas pequeninas que se tornavam grandes, e grandes que se tornavam pequeninas (muito útil, porque evitava que os habitantes tivessem de mudar de casa, quando estas já não servissem...).









Também havia uma casa com uma grande piscina, que se aquecia com a luz do Sol e que se convertia numa pista de gelo no inverno. Outra, mais arrojada, movia-se no ar e permitia viajar como um avião! Outra ainda tinha uma grande antena que comunicava com casas de diversos planetas.

Depois havia casas que eram várias coisas ao mesmo tempo, ou seja, transformavam-se em lojas, escolas, hospitais, salas de cinema, etc... Coisas que só a imaginação e os desenhos permitem fazer. Outras que encolhiam quando não estavam a ser utilizadas, o que permitia poupar muito espaço na cidade. Outras ainda que se tornavam casa de férias, casa dos avós, casa dos primos.

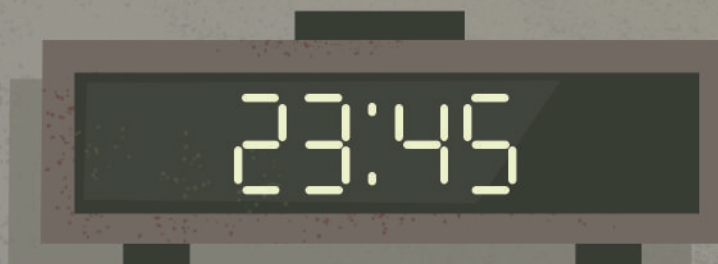




Da mesma forma que havia as tais casas voadoras, também havia as subterrâneas, como tocas de toupeira, e as submersas, com enormes janelas com vista para o fundo do mar. Depois estavam as casas-ponte, que ligavam margens de rios, lados de estradas, encostas de montanhas... As casas-jardim eram fantásticas, porque tinham muitos parques com baloiços, campos para jogar à bola, árvores e flores! Até havia casas comestíveis, com paredes de chocolate!

E muitas mais...

Mas, de repente, Francisca olhou para o relógio – já era muito tarde! Estava cansada e de todas as ideias que tinha tido nenhuma lhe parecia a ideia ideal, isto é, aquela que podia ser a solução para o seu problema. Decidiu então ir dormir.

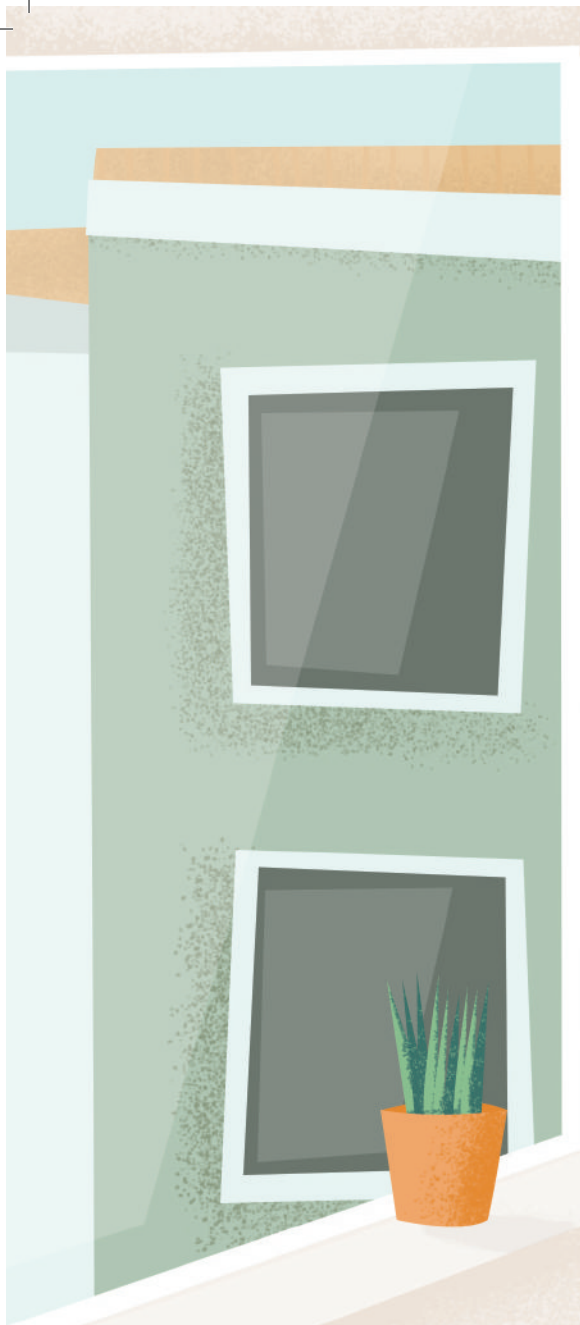




Acordou muito cedo, tomou banho a correr, vestiu-se a correr, tomou o pequeno-almoço a correr e saiu na sua moto elétrica!

Estava atrasada! Tinha uma reunião às oito horas em ponto e já eram sete e meia. Ainda tinha de atravessar a cidade, e àquela hora era trânsito e mais trânsito. Assim, acelerou fundo e curva, contracurva, lá chegou ao escritório de Serafim Viana. Serafim era um homem velho, com ar de sábio, de barbas grisalhas e óculos redondos descaídos na ponta do nariz. Era um arquiteto muito famoso e conceituado, isto é, tinha feito muitas obras grandes e maravilhosas, e, como tal, era respeitado por todos.





– Olá, Francisca, bom dia! – disse Serafim, assim que a jovem arquiteta entrou.

– Bom dia, arquiteto, desculpe o atraso, mas... adormeci! Serafim deu uma gargalhada ternurenta (que desculpa mais desculpável que esta de cair na tentação de ficar mais uns minutinhos na cama...?).

– Já tomaste o pequeno-almoço? – quis saber.

– Já, mas foi a correr, acho que já tenho fome outra vez... Mais uma gargalhada.

– Olha, queres bolachas de gengibre? Foram feitas por mim.

– Se quero? Adoro estas bolachas!

Mordiscando uma, Francisca continuou:

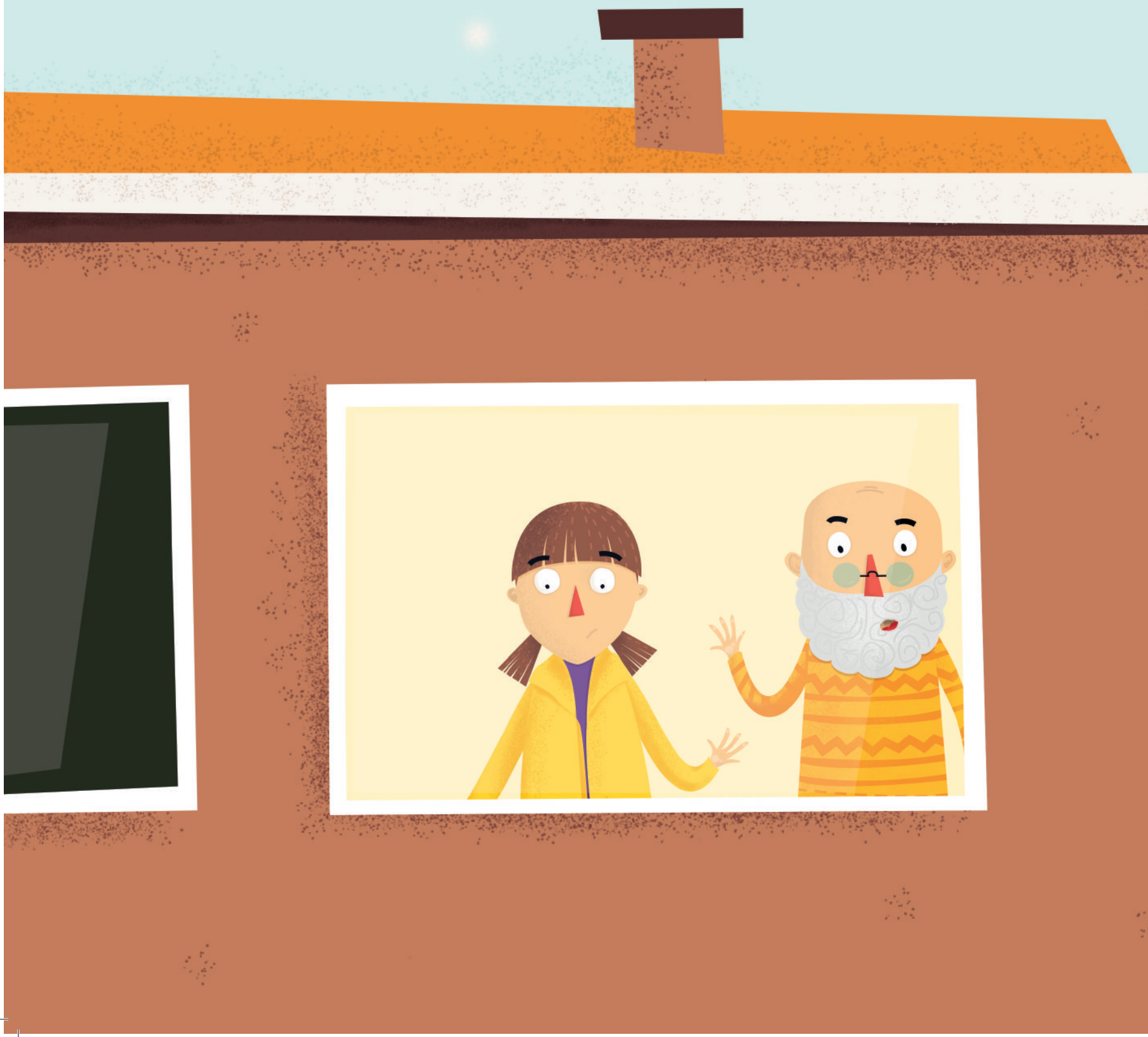
– Ainda bem que me recebeu, preciso muito de falar consigo. Tenho de resolver um problema muito difícil e preciso da sua ajuda.

– A sério? Que problema é esse? – perguntou Serafim com ar curioso.

– Recebi um *e-mail* de uma família que quer que eu lhe faça o projeto para uma casa do futuro.

– Uma casa do futuro!? – questionou Serafim.





– Sim, querem uma casa do futuro! E eu disse-lhes que sim, que fazia. Combinei um encontro com eles hoje, ao final da manhã, mas agora estou aflita porque não sei por onde começar...

– Olha, Francisca, todas as casas que projetamos são casas do futuro. As casas resistem ao passar dos tempos, dos anos... e muitas vezes são passado, porque já existiam antes de nós; presente, porque nos servem no dia a dia; e futuro, porque geralmente duram mais do que nós...

– Não é isso! – interrompeu Francisca, impaciente com estes pensamentos pouco práticos. – Eles querem uma casa para hoje que seja a sério do futuro, e eu não sei bem o que fazer...

Serafim olhou pensativo pela janela e apontou para uma árvore no jardim:

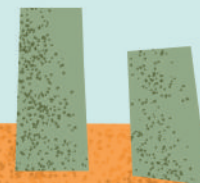
– Francisca, estás a ver aquela árvore?

– Sim – respondeu Francisca.

– E vês o ninho que está nos seus ramos?

– Daqui, não.

– Então imagina!



Francisca olhou-o perplexa. Que queria ele dizer com aquilo...?

– Imagina – continuou Serafim – um ninho feito no ramo da árvore. Um ninho que é a casa dos passarinhos, certo?

– Sim... – murmurou Francisca, à espera do resto da conversa.

– Uma casa do futuro devia ser assim, como o ninho dos passarinhos...

Aí, Francisca perguntou surpreendida:

– Como assim, igual a um ninho de passarinhos?

– Isso mesmo, igual, ou melhor, seguindo as mesmas lógicas e princípios.

– E que lógicas são essas? – quis saber Francisca.

– São lógicas de harmonia com a natureza. Uma casa do futuro, mais do que formas arrojadas, materiais de vanguarda, tecnologia de ponta, tem de estar em harmonia com a natureza, senão não será uma casa do futuro – explicou Serafim.

Francisca estava a gostar de o ouvir, aprendia sempre coisas novas com ele. Mas tinha de ir embora, por causa do tal encontro marcado, e ainda precisava de passar no *atelier*...

– Obrigada, arquiteto, gostei muito de falar consigo.

Amanhã dou notícias – despediu-se, saindo de seguida.





Na sua moto, seguiu para o *atelier*, que era mesmo no meio da cidade, numa praça bastante antiga, com uma fonte em pedra muito bonita. Estacionou no parque para motos, carregou o cartão do parquímetro e seguiu para o seu escritório no 1.º andar. Da janela, viu dois passarinhos pousados na borda da fonte a bebericar da sua água...



O telemóvel tocou e Francisca atendeu rapidamente:

- Bom dia! Quem fala?
- Somos nós... Combinámos encontrar-nos consigo aqui na clareira da mata...
- Sim, sim, já estou a caminho.







A mata da cidade era uma zona verde muito ampla. Tinha sido plantada há muitos anos, numa vasta área árida e hoje era um jardim frondoso com muita diversidade de plantas e animais – tinha javalis e até esquilos. Uma espécie de pulmão verde que renovava o ar poluído da cidade e servia os seus habitantes, com grandes zonas ao ar livre, onde era possível acampar, fazer piqueniques, e praticar desportos, como futebol, basquetebol, andar de bicicleta e corridas.

Francisca chegou na sua moto. Estacionou junto à estrada e dirigiu-se pelo trilho para a clareira, onde havia um parque autorizado para acampar. Como era inverno, o parque estava vazio, mas ao chegar avistou logo uma tenda que se destacava pela sua aparência diferente. Não tinha rugas, estava impecavelmente esticada e era de um branco luminoso, brilhante, que cintilava como uma estrela no meio daquele extenso verde. Aproximou-se...

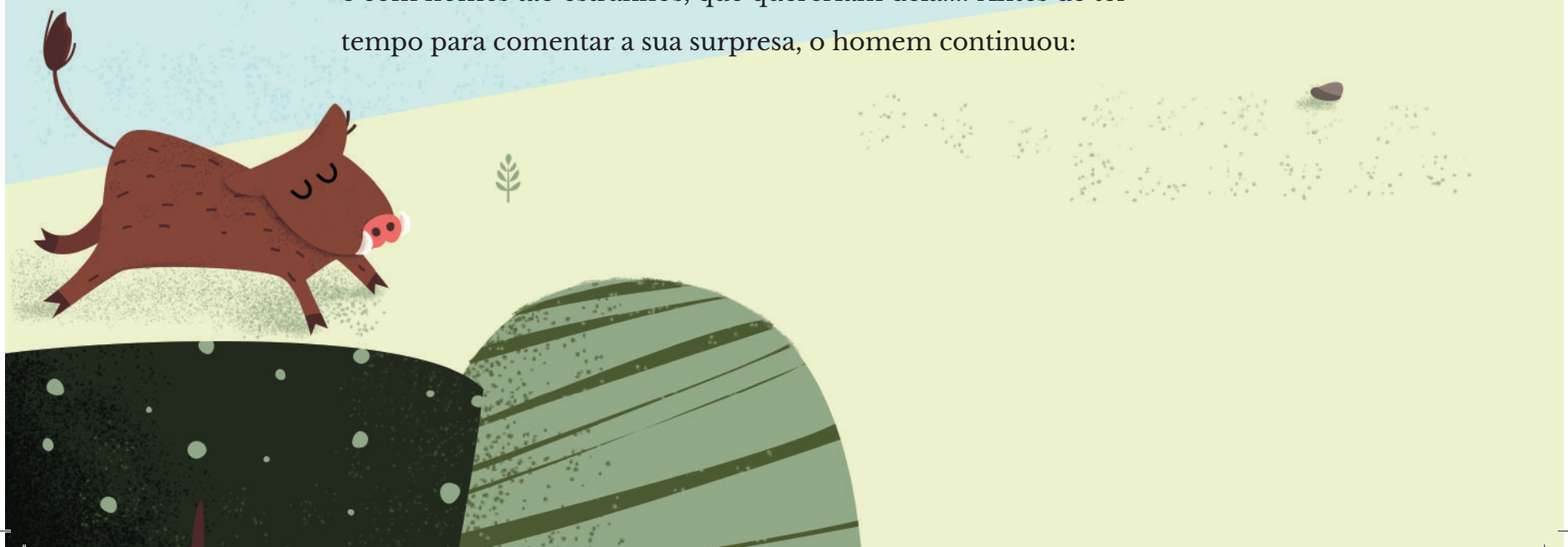
Lá de dentro, saiu um homem baixo, muito bem vestido, com um fato também de um branco luminoso, e logo atrás surgiu uma mulher linda, com uma pele muito rosada e uns olhos muito grandes. Com ela vinham duas crianças que, envergonhadas, olharam para Francisca e esconderam-se a correr atrás da mãe.

– Bom dia! Deve ser a arquiteta Francisca... certo? – perguntou o homem amavelmente.

– Sim, sou eu mesma, Francisca Martins. Recebi a sua mensagem e cá estou, como combinámos – disse Francisca, de forma despachada e estendendo a mão.

– Ainda bem que veio... Precisamos muito da sua ajuda. O meu nome é HF2017 e esta é a minha mulher, MF2017, e os meus filhos, a mais velha, maF2017, e o pequeno moF2017.

Francisca observou-os surpreendida; que pessoas tão estranhas e com nomes tão estranhos, que quereriam dela...? Antes de ter tempo para comentar a sua surpresa, o homem continuou:





– Deve achar estranhos estes nossos nomes, mas
donde viemos os nomes são composições de números
e letras. O nosso planeta, de uma galáxia muito
distante, tal como o vosso, também começou a ficar
cheio de habitantes. Éramos muitos biliões e os nomes
esgotaram-se, pelo que tivemos de adotar outros
códigos de identificação.



A stylized illustration of a brown squirrel with a bushy tail perched on a thick, dark brown tree branch. The squirrel is facing left with its eyes closed. The tree has several other branches, some with clusters of small, light green leaves. The background is a light blue sky with a large, dark green, rounded shape representing a hill or a large tree in the distance. The bottom of the image shows dark, silhouetted shapes of trees or bushes. The overall style is simple and illustrative.

«De outro planeta!? Que se está
a passar...? Que pessoas são estas?
Estarei a sonhar? Terei ouvido
bem...?» pensou Francisca.

O homem continuou:

– Tal como na Terra, o nosso planeta também tinha muitos mares e oceanos, mas estes deixaram de nos servir porque ficaram muito poluídos, ficaram sem peixes e passou a ser impossível navegar neles... Tivemos então de arranjar outras formas de vida e diminuir a nossa má influência sobre a natureza, o ambiente envolvente e aquilo que ele tinha para nos dar.

– Como assim? – proferiu Francisca.

– Tivemos de arranjar outras alternativas porque o nosso sol, os nossos mares, os nossos oceanos... enfim... a nossa natureza... estava cansada e desgastada pelos anos de estragos que fizemos sobre ela. As águas poluídas destruíram as florestas, os animais morreram, nada sobrevivia e nós próprios estávamos condenados. Tivemos de inventar uma nova forma de vida.



– E então? – perguntou Francisca. – O que fizeram?

– Parámos com os estragos; deixámos de poluir;
arranjámos novas formas de energia, para que a nossa
natureza se restabeleça e fique boa.

– E que energia foi essa? – inquiriu Francisca.

– A energia das estrelas... Criámos conversores que
utilizam essa energia para pouparmos os recursos
e recuperarmos o equilíbrio no nosso planeta.

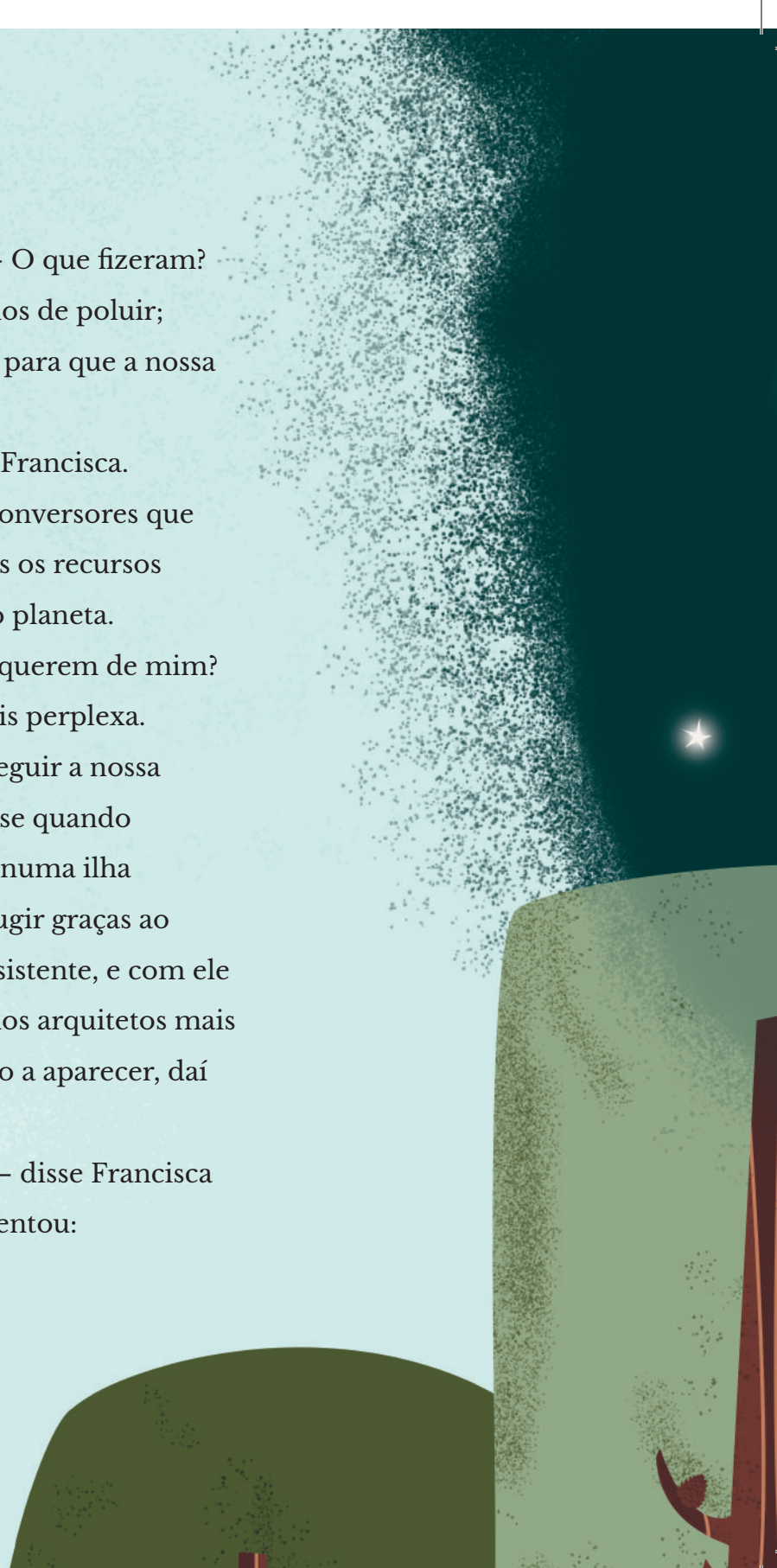
– E o que estão aqui a fazer? O que querem de mim?

– questionou Francisca, cada vez mais perplexa.

– Precisamos que nos ajude a prosseguir a nossa
viagem. A nossa casa móvel destruiu-se quando
pousámos no vosso mar. Ficou presa numa ilha
de lixo e afundou-se. Conseguimos fugir graças ao
conversor de energia, que é muito resistente, e com ele
chegámos aqui. Consultámos a lista dos arquitetos mais
próximos e o seu *e-mail* foi o primeiro a aparecer, daí
o nosso contacto.

– Sim, acho que estou a perceber... – disse Francisca
e, sem perceber nada de nada, acrescentou:

– Um conversor de energia?!



– Sim, um conversor de energia é um computador muito potente que capta a energia das estrelas e a converte em tudo o que precisamos: casas, comida, roupa, etc. Com este conversor, criámos um barco de borracha que nos permitiu sair do mar onde a nossa casa se afundou, criar esta tenda onde nos acolhemos e produzir os alimentos de que precisamos...

Francisca não queria acreditar. Que era aquilo?
Uma máquina de desejos!

Com curiosidade, disse:

– Posso ver esse... conversor, ou melhor, computador?

– Sim, sim – respondeu prontamente o homem, dirigindo-se para a tenda.







Atrás seguiram Francisca, a senhora MF2017 e os meninos maF2017 e moF2017. Entraram na tenda, muito arrumada e muito maior do que parecia de fora. Aliás, não parecia uma tenda, mas uma casa enorme com vários compartimentos de salas, quartos, escadas para pisos superiores, pátios e varandas. Numa das salas, pousada numa mesa baixa, estava uma caixa brilhante muito pequenina. O homem tocou nela e na tampa apareceram luzes e símbolos de muitas cores...

– Isto é o conversor de energia, está com pouca bateria, precisa de se carregar, pelo que temos de nos despachar, porque o tempo esgota-se – disse ele.

– Como assim, «temos de nos despachar, porque o tempo esgota-se»? – perguntou Francisca.

– Precisamos de uma nova ideia de casa, para substituir a que se destruiu. O conversor precisa dessa ideia para construir uma nova casa que nos leve até uma estrela e permita carregá-lo. Só assim conseguiremos voltar para o nosso planeta. Daí o nosso contacto. Precisamos da sua ajuda para criar essa ideia.

– O conversor constrói uma nova casa?

– interessou-se Francisca.

– Sim, como qualquer outra coisa.

Por exemplo: é hora do lanche e queremos uma sandes de fiambre, certo? Apresentamos ao conversor uma ideia de sandes, pode ser de pão de leite, integral, escuro, etc.

Nós escolhemos e pronto, é só esperar...

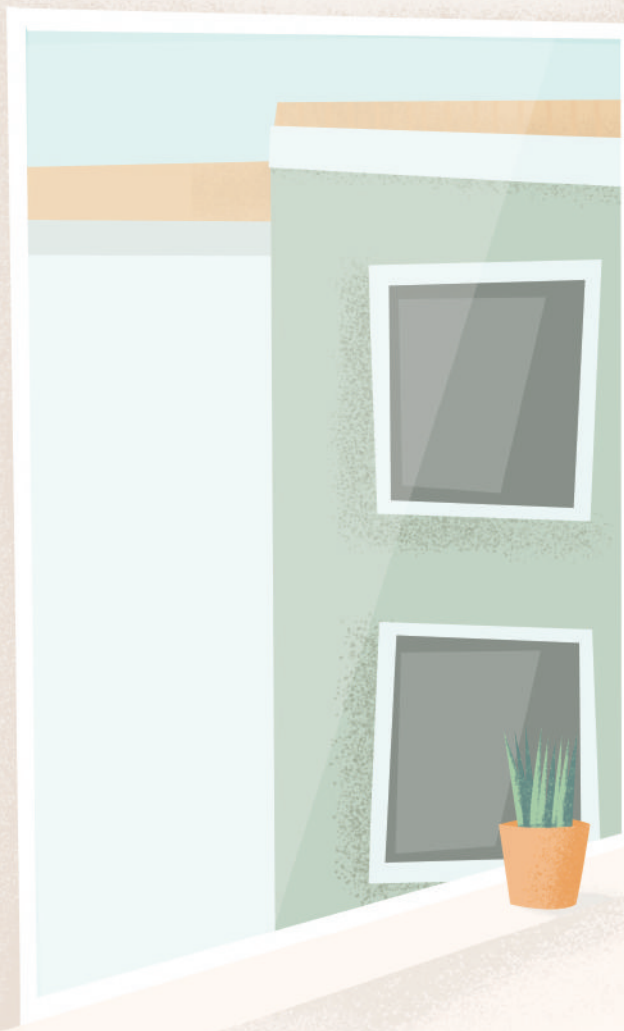
– explicou HF2017, carregando numa série de opções no ecrã do computador.



De seguida, o conversor projetou uma série de imagens de sandes no ar, o senhor HF2017 escolheu a de pão de leite e carregou num botão. Rapidamente, a imagem começou a tornar-se cada vez mais nítida, ganhou relevo, forma, cheiro, e pronto, ali estava uma sandes de fiambre em pão de leite acabada de fazer e pronta a ser comida!

Francisca estava ao mesmo tempo assustada e maravilhada com aquilo. Tinha sido contactada por uma família de extraterrestres que queria que ela lhe fizesse um projeto para uma casa do futuro, para ser construída por uma máquina, ou melhor, por um tal computador, conversor de energia, ou lá o que era aquilo... Parecia de loucos! Mas ao mesmo tempo era um desafio fascinante, único e impossível de rejeitar. «O Serafim nem vai acreditar...» pensou Francisca. E assim, despediu-se da família, combinou voltar muito em breve com o projeto da casa e foi-se embora.





Serafim mordiscava as suas bolachas preferidas de gengibre e ouvia pacientemente a história de Francisca, que gesticulava entusiasmada, falava do conversor, dos meninos, da tenda, da senhora MF2017, dos oceanos, do lixo, das estrelas, da sandes de fiambre...

Pensativo, olhava para ela e mantinha um sorriso enigmático, o que a intrigou.

– Arquiteto, está a ouvir-me? Não diz nada?

– perguntou Francisca.

Serafim, depois de engolir pausadamente o último bocadinho de bolacha que sobrava no prato, respondeu:

– Francisca, há muitos anos, há mais de 50, tinha eu talvez a tua idade, aconteceu-me exatamente a mesma coisa... Uma família, os F1965, apareceu no meu *atelier* com um pedido semelhante.

Francisca não queria acreditar no que estava a ouvir. O quê? O arquiteto Serafim Viana também tinha sido contactado por extraterrestres? E nunca lhe tinha dito nada?

– Na altura – continuou Serafim –, também fiquei surpreendido e assustado, até. Mas depois resolvi ajudá-los. Pus a minha imaginação a trabalhar, usei os meus conhecimentos e fiz-lhes o projeto de uma casa...

– Fez!? – comentou Francisca. – E como era essa casa?







Serafim levantou-se do sofá, avançou para o escritório e abriu o grande e antigo móvel de desenhos. Um móvel alto, cheio de gavetas fininhas, onde estavam guardados muitos papéis. Abriu uma e tirou umas folhas grandes, que esticou sobre o estirador. Francisca aproximou-se.

Sentiu o cheiro do papel velho e reconheceu o traço antigo das canetas de tinta da China (hoje em completo desuso, tendo sido substituídas pelo desenho do computador, mas que naquele tempo eram a forma habitual de desenhar dos arquitetos). De seguida, olhou mais atentamente e começou a perceber o projeto ali desenhado. Era um projeto que Francisca nunca tinha visto, não parecia uma casa, e sim mais um objeto em forma de ovo, sem portas nem janelas, que aparentava ser pequenino, mas que depois, lá dentro, se transformava num espaço muito grande com salas amplas e quartos em vários pisos, uma sensação parecida à que teve quando entrou na tenda da família F2017, na clareira da mata...





– Uauu! – exclamou Francisca. – Que projeto espetacular. E funcionou? – perguntou.

Serafim, com a calma própria da idade e da sabedoria que essa experiência traz, disse-lhe:

– Partiram na casa e, pelo que sei, chegaram sãos e salvos ao destino...

– Como sabe isso? – questionou Francisca.

– Sei, porque eles às vezes dão-me notícias...

Francisca estava sem palavras... Por um lado, como era possível esta situação tão insólita, em que estava agora envolvida, ter já acontecido com o arquiteto Serafim há uns anos...? Por outro lado, estava confiante em que talvez desse conta do recado, embora não se quisesse comparar com o arquiteto Serafim e a sua sabedoria. Mas acreditava que conseguiria uma solução para o problema. Ou, pelo menos, tinha de tentar.

– Combinei encontrar-me com eles na próxima segunda-feira – informou Francisca –, têm urgência em partir, porque o conversor está com pouca bateria. Não tenho tempo a perder! Obrigada, arquiteto, depois falamos.

E saiu.



Estava uma tarde muito fria, mas com um céu muito limpo. Francisca aproximou-se da tenda dos F2017 e chamou:

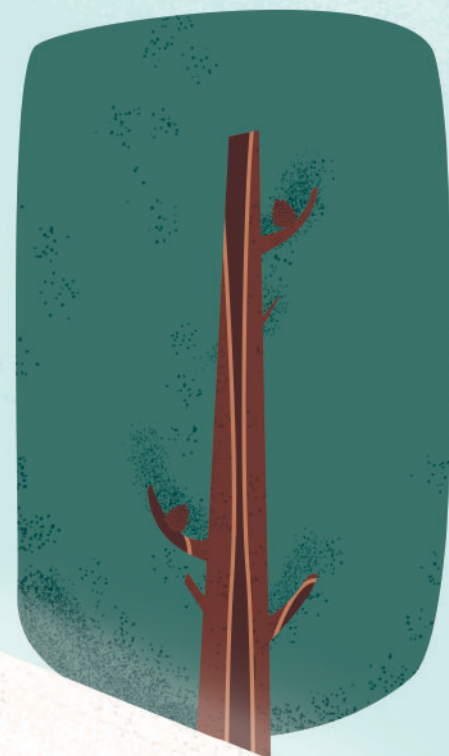
– Boa tarde, está aí alguém?

Lá de dentro saíram os dois meninos, maF2017 e moF2017, olharam para Francisca e voltaram a correr para dentro. Logo depois, apareceram a senhora MF2017 e o senhor HF2017.

– Bom dia, arquiteta – cumprimentou HF2017.
– Estávamos mesmo à sua espera. O conversor só tem bateria para mais três horas. Trouxe o projeto?

Francisca assegurou que sim, que tinha trabalhado noite e dia e chegado a uma solução que lhe parecia boa. Pegou no computador portátil e abriu uma série de imagens da casa, vistas de fora, de dentro, de lado... A família debruçou-se sobre o ecrã e a senhora MF2017 disse:

– Gosto muito, tem um estendal para a roupa, que dá sempre muito jeito!





De seguida, a menina maF2017 notou:

– E o meu quarto tem uma varanda grande que até dá para eu andar de patins...

– E onde é o meu quarto? – perguntou o pequeno moF2017.

– É aqui, mesmo ao lado do quarto dos teus pais – indicou Francisca. – E tens uma janela no teto para poderes ver as estrelas quando estiveres deitado na cama – acrescentou.

– Fixe! – respondeu moF2017.

Depois, o senhor HF2017 questionou Francisca sobre todos os pormenores – onde era a garagem, a adega, qual o material das janelas, o pavimento dos quartos, das casas de banho, das salas... E finalmente disse:

– Muito bem, arquiteta. Parece-nos um bom projeto. Vamos avançar para a sua construção, temos menos de duas horas para isso.





Francisca estava incrédula. Tinham menos de duas horas para construir aquela casa toda! Só se fosse um milagre... Porém, no fundo, estava desejosa de ver o conversor outra vez a funcionar. Será que o que vira com a sandes de fiambre funcionava realmente com a construção de uma casa? Tinha sérias dúvidas sobre isso. Mas muita curiosidade...

O senhor MF2017 pediu à Francisca que transferisse os dados do projeto para o conversor e seguidamente carregou numa série de comandos que começaram a traçar no ar as linhas, os pontos e os planos dos desenhos. Essas imagens da casa foram tornando-se cada vez mais nítidas, mais espessas e a casa foi tomando forma e crescendo à frente deles, acabando por ocupar uma extensa área da clareira da mata.

– Uauu! – exclamou Francisca. Nem queria acreditar. O seu projeto transformado em realidade ali mesmo à sua frente! Como acontecera com a sandes de fiambre...





O senhor HF2017 apontou o conversor para a tenda e carregou em «arquivar». Rapidamente, a tenda desapareceu no ar. De seguida, a senhora MF2017 e os meninos despediram-se de Francisca e dirigiram-se para a sua nova casa. O senhor HF2017 seguiu-os, não sem antes apresentar à Francisca o seu profundo agradecimento pelo projeto e dar-lhe a sua recompensa por isso:

– Arquiteta, no nosso planeta o trabalho é retribuído com energia das estrelas. Assim sendo, dou-lhe isto... – e colocou-lhe na mão um cristal muito branco e brilhante. Francisca pegou nele com cuidado. Era quente e frio ao mesmo tempo, de um brilho intenso, magnífico! Guardou-o no bolso do casaco e quando olhou para a frente, a sua casa evaporou-se no ar, ficando apenas um ponto branco cintilante a pairar no horizonte...





Francisca voltou para perto da sua moto, pelo trilho, onde entretanto estava a chegar Serafim Viana, no seu velho jipe.

– Então? Missão cumprida? – perguntou Serafim.

– Sim... – respondeu Francisca, ainda um pouco atordoada com o que tinha acabado de ver. – Espero que a casa funcione... e que cheguem ao destino – acrescentou.

– De certeza que sim – comentou Serafim. – Acabarão por te dar notícias, vais ver!

Francisca olhou-o com perplexidade. Como poderia ter tantas certezas e aceitar esta aventura com tanta serenidade? Mas lá seguiram então os dois, Francisca na moto e Serafim no jipe, para as suas casas no centro da cidade.



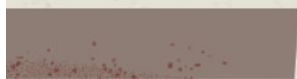




Em casa, Francisca tirou o cristal do bolso. Olhou-o fixamente e viu a imagem do seu projeto: a casa do futuro que tinha desenhado para a família F2017. Numa das janelas da casa, os dois meninos acenavam-lhe sorridentes...

«Vão a caminho do seu planeta, ainda bem» pensou Francisca.

Sem demora, passou pela cozinha e fez uma generosa sandes de fiambre que saboreou até à última migalha. Depois entrou na sala, sentou-se em frente da sua secretária, abriu o bloco de desenho, pegou nos seus lápis e canetas, e começou a desenhar!





Integrado no Gabinete FAJúnior da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa e resultado da investigação desenvolvida no Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design (CIAUD), concretizou-se a produção deste livro, no qual participou a aluna Camila Martinho, no âmbito da realização do seu projeto final de Mestrado em *Design* de Comunicação, orientado por Susana Oliveira e com a supervisão de Margarida Louro.



MARGARIDA LOURO

Margarida Louro nasceu em Lisboa em 1970, é casada e mãe de três filhos.

Licenciou-se em Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa (FA-UTL) em 1993, em que é docente desde 1997.

É membro efetivo do Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design (CIAUD) desde julho de 2006.

Atualmente é coordenadora do gabinete FAJúnior da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa.



CAMILA MARTINHO

Camila Martinho nasceu em São Paulo em 1993.

Licenciou-se em *Design* pela Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa (FA-ULisboa), em 2015.

É finalista do Mestrado em *Design* de Comunicação da FA-ULisboa.

Atualmente é bolsista de investigação no Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design (CIAUD).







Francisca é uma jovem arquiteta muito decidida e empenhada em tudo aquilo que faz. Mas um dia recebe uma mensagem estranha, que a deixa um pouco baralhada e indecisa... Uma família muito especial pede-lhe que faça o projeto de uma casa do futuro! Francisca procura a ajuda do grande arquiteto Serafim, que com a sua sabedoria e experiência a guia na resolução deste problema.

A Casa do Futuro tem o grande objetivo de interagir com grupos de crianças e jovens, levando a temática da arquitetura, do urbanismo e do *design* a diversas idades e realidades. No livro, aproveitando o tema da arquitetura sustentável, abordam-se os conceitos da arquitetura e do papel do arquiteto na construção da sociedade atual.

A iniciativa deste livro nasceu no Gabinete FAJúnior, um projeto pedagógico de base científica e experimental da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa.



9 789722 418508 >

U LISBOA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA



CiAUD
FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR